

SISTEMA FAEP



**Mala Direta
Postal**

9912271704-DR/PR

SENAR

CORREIOS

BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVIII nº 1267 - 21/07/2014 a 27/07/2014

Tiragem desta edição 24.000 exemplares

REGIÃO SUL

UMA ALIANÇA PELO LEITE



HISTÓRIA

A Faixa
de Gaza

AGRONEGÓCIO

Os efeitos da
safra americana

PAC

Promessas
não cumpridas

Aos Leitores



Sucessivamente as notícias sobre a atividade econômica do país vem sendo invariavelmente negativas e o o mercado financeiro prevê um crescimento de 1,05% para todo este ano, segundo pesquisa realizada pelo Banco Central, – valor que está abaixo do estimado pelo governo federal no orçamento deste ano (+2,5%). Os empregos com carteira assinada no mês de junho, segundo o Ministério do Trabalho, foi de 25.363 ocupações, o que representa uma queda de 79,5% frente ao mesmo mês do ano passado, quando foram abertas 123.836 vagas formais. Este foi o pior resultado para meses de junho desde 1998.

Há uma paralisação da indústria e o primeiro reflexo disso são esses índices críticos de emprego. Comentaristas econômicos começam a visualizar um processo de estagflação devido a esses quadro.

A maioria dos municípios do Paraná tem sua economia movimentada pelo agronegócio e a grande safra americana de grãos indica que a oferta aumentará, logo os preços cairão. Menos dinheiro, menos negócios na praça. Esse é um dos temas dessa edição com analistas de produção e mercado.

Mas há notícias boas como a 1ª Reunião da Aliança Láctea Sul Brasileira realizada na sede da FAEP, em Curitiba, com o objetivo de somar os três estados do sul numa estratégia comum de transformar a região numa meca do leite.

Índice

Dia do Agricultor	03
Capa	04
Opinião	08
Microbacias	11
Faixa de Gaza	12
Entrevistas - Agronegócios.....	14
Roubo de Animais	20
Diversificação	21
PAC	22
Porto	24
Zoneamento Agrícola	25
Notas	26
Conseleite	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Fotos: Fernando Santos, Divulgação, Arquivo FAEP, Appa e AEN.

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal :** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon
Editor: Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.



Neste dia 28 comemora-se o “DIA DO AGRICULTOR”

Talvez a mais justa homenagem neste e em todos os outros dias esteja contida no editorial do jornal “O Estado de São Paulo” do último dia 14/07 (“O paraquedas da economia”). Em português claro traduz os números do que cerca de 30 milhões de brasileiros, que tem vínculos com o meio rural, fazem pelo nosso país.

O PARAQUEDAS DA ECONOMIA

- O Brasil continua salvo de um desastre cambial e de uma crise econômica muito mais séria graças ao agronegócio, o setor produtivo mais eficiente do País, capaz de garantir um superávit comercial de US\$ 40,77 bilhões no primeiro semestre, enquanto se acumulava um déficit global de US\$ 2,36 bilhões no comércio exterior.
- O campo e as fábricas diretamente ligadas à agropecuária continuam proporcionando a maior parte das poucas notícias positivas da economia, enquanto a maior parte da indústria permanece atolada em problemas de competitividade, agravados pela sucessão de erros da política econômica.
- De janeiro a junho o agronegócio exportou produtos no valor de US\$ 49,11 bilhões, ou 44,4% do total faturado por todos os setores com as vendas ao exterior.
- No campo, a perspectiva é de mais um recorde na produção de grãos e oleaginosas - formada principalmente por algodão, arroz, feijão, milho,

soja e trigo. A safra desses produtos deve alcançar 193,87 milhões de toneladas. Confirmado esse número, terá havido aumento de 2,8% em relação à colheita da temporada anterior.

- A produtividade tem sido há muito tempo uma das principais vantagens da agricultura brasileira e, mais recentemente, o seu sinal distintivo na economia nacional.
- Boa produção no campo contribui para a demanda de bens industriais no interior, para o reforço das exportações e para a contenção do custo de vida.
- A alta geral de preços é determinada por vários fatores, além das condições do mercado agrícola, e o desarranjo das contas públicas é um dos mais importantes. Nesse quesito, poucos emergentes vão mal como o Brasil.
- As exportações do agronegócio renderam US\$ 99,451 bilhões nos 12 meses até junho, com superávit comercial de US\$ 82,43 bilhões.
- Nos 12 meses até maio, último período com informação disponível, chegou a US\$ 81,85 bilhões o déficit em transações correntes - o mais amplo indicador das transações com o exterior. Esse déficit equivale a 3,61% do Produto Interno Bruto (PIB). Como estariam as contas externas sem a competência do agronegócio?

A FAEP se orgulha de representar e defender uma grande parcela desse verdadeiro exército, aquela que vive no Paraná, que semeia, maneja e colhe o que, como diz o “Estadão” está salvando a Pátria.

PR, SC, e RS: A meca do leite

Estados do Sul criam a Aliança Láctea Sul Brasileira



A ideia surgiu em Paris durante uma reunião da Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) e se transformou, provavelmente, no mais importante encontro do setor leiteiro do Sul do país. Na sede da FAEP no último dia 15, em Curitiba, ocorreu a 1ª Reunião da Aliança Láctea Sul Brasileira reunindo todas as instituições que, de uma forma ou outra, estão vinculadas à cadeia do leite no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os três secretários da Agricultura, o paranaense Norberto Ortigara, o catarinense Airton Spies e o gaúcho Cláudio Fioreze, diretores das federações patronais e dos trabalhadores na agricultura, dos sindicatos da indústria, de defesa animal e de órgãos de extensão avaliaram o perfil desse setor nos Estados do Sul.

“Essa é uma reunião histórica para produzirmos um leite cada vez melhor”, disse o diretor financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia, ao abrir a reunião.

A atividade leiteira envolve em torno de 300 mil produtores na região Sul e responde por 33% da produção nacional (32,3 bilhões de

litros de leite), com um volume de 10,7 bilhões de litros do produto em 2012, segundo dados do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). “O objetivo é desenvolver um plano de desenvolvimento integrado com políticas de Estado e parcerias público-privadas para a atividade leiteira no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esses Estados possuem características semelhantes em relação ao clima, solo, gestão da propriedade, além dos aspectos produtivos como a profissionalização dos produtores e questões sanitárias”, explicou o vice-presidente do Conleite, Ronei Volpi. Hoje a produtividade média da região é de 2,5 mil litros de leite/ano.

As lideranças dos três Estados querem transformar a região na maior produtora de leite do país, com capacidade para abastecer o mercado interno e gerar excedentes para exportação. Com isso, a produção de leite seria uma nova geradora de divisas e riquezas para o Brasil.

A ideia é aproveitar o crescimento da produção apresentado

na região, que foi de 119% no período 2000 a 2012, acima da média nacional, que chegou a 63%, e da Argentina que foi de 16% no mesmo período, para transformar o país num grande exportador de produtos lácteos.

Centro de Inteligência

Durante o encontro, os secretários e diretores identificaram ações conjuntas entre os três Estados e elencaram as prioridades na cadeia produtiva, como a qualidade, sanidade, gestão da propriedade, boas práticas agrícolas e industriais, assistência técnica, formação profissional e política tributária. “A atividade leiteira deve se organizar em três diretrizes: qualidade, sanidade e sustentabilidade”, observou Volpi.

O secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, disse que o leite pode transformar-se cada vez mais no instrumento de melhoria da condição de vida de milhares de famílias rurais. “Bastam, apenas, pequenos avanços nas questões de qualidade, gestão das propriedades, da implementação de boas práticas e de ampliação de assistência técnica. O Paraná quer e precisa disso para fortalecer a cadeia produtiva”, disse.

“A região Sul pode se tornar a meca do leite no país. Estamos no lugar e no momento certo para discutir uma política para reforçar a produção”, avaliou Aírton Spies, secretário da Agricultura de Santa Catarina. Para o secretário do Rio Grande do Sul, Cláudio Fioreze, o encontro representa um grande avanço à cadeia produtiva da região Sul. “Devemos concentrar nossos esforços em ações preventivas na qualidade do leite. Podemos formar um Centro de Inteligência do Leite com geração de pesquisa, prospecção e informações para troca de experiências entre os três

Estados a exemplo de órgãos semelhantes existentes em grandes regiões produtoras do mundo”, comentou.

As propostas individuais de cada Estado serão apresentadas no dia 5 de agosto durante solenidade de lançamento da Expointer, na cidade de Esteio (RS). O próximo passo, segundo os secretários, será o envolvimento dos governadores, que assinarão uma resolução no âmbito do Conselho de Desenvolvimento e Integração Sul (Codesul) para que as propostas se transformem em políticas públicas de Estado para vários anos e não para um governo, formando a Aliança Láctea Sul Brasileira.

Os participantes

*Participaram do encontro: João Luiz Rodrigues Biscaia, diretor financeiro da FAEP; Ronei Volpi, vice-presidente do Conleite; Sílvia Maria Digiovani, engenheira-agrônoma do DTE da FAEP; Wilson Thiesen, presidente do Conleite; Inácio Afonso Kroetz, presidente da Adapar; José Walter Dresch, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (FETAESC); Enri Barbieri, vice-presidente da Federação da Agricultura de Santa Catarina (FAESC) e presidente da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC); Jorge Luiz Machado Rodriguez, diretor financeiro da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul); Oreno Ardêmio Heineck, diretor do Instituto Gaúcho do Leite; Ditmar Alfonso Zimath, diretor de Extensão Rural da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Valter Antonio Brandalise, presidente do Sindileite de Santa Catarina; Eraldo José Leão Marques, diretor do Departamento de Defesa Agropecuária (DDA) do Rio Grande do Sul.



Os números do Paraná

- Produção: 3,9 bilhões de litros/ano em 2012 (IBGE);
- As projeções da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab) apontam para uma produção de 4,5 bilhões de litros de leite em 2014;
- O Paraná é 3º produtor no ranking nacional, antecedido por Minas Gerais (1º) e Rio Grande do Sul (2º);
- 115 mil produtores;
- Quatro municípios paranaenses estão entre os 20 primeiros do ranking nacional: Castro (1º), Carambeí (5º), Marechal Cândido Rondon (13º) e Toledo (20º);
- Média de 29 animais por produtor;
- 55,3% dos produtores (produção até 50 litros/dia);
- 38,8% (produção de 51 a 250);
- 5,9% (produção acima de 251 litros/dia);
- Produção média diária das vacas : 10,9 litros (média nacional 5,0 litros)

Diferenciação entre produtores (médias):

- 7,1 litros/vaca/dia – pequenos
- 18,5 litros/vaca/dia – maiores produtores

Fonte: Seab

Santa Catarina

- Produção: 2,7 bilhões de litros/ano (9% do BR); 7,3 milhões de litros/dia;
- A produção passou de 1 bilhão para 2,7 bilhões nos últimos 13 anos;
- 65 mil produtores.

Fonte: IBGE 2012

Rio Grande do Sul

- Produção: 4,04 bilhões de litros/ano; 11 milhões de litros de leite/dia;
- Envolve 134 mil famílias.

Fonte: IBGE 2012



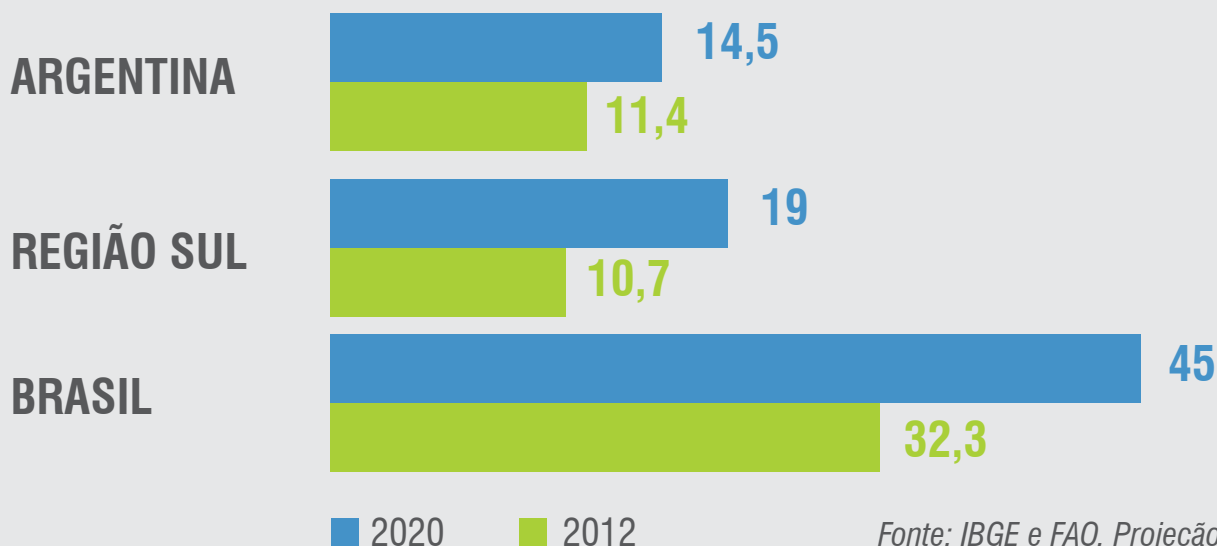
Consumo

- Segundo levantamento do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o consumo per capita anual brasileiro é de 172,6 litros por habitante, enquanto o recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é de 200 litros ano/habitante.



PROJEÇÕES FAEP PARA 2020

PRODUÇÃO PROJETADA PARA 2020 CONSIDERANDO O CRESCIMENTO DOS ÚLTIMOS 10 ANOS (bilhões de litros)



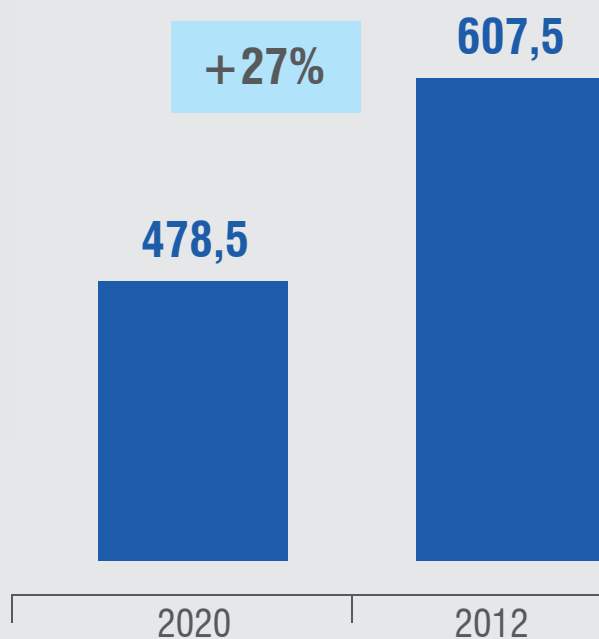
Fonte: IBGE e FAO. Projeção FAEP

PROJEÇÕES MUNDIAL DE LEITE



PRODUÇÃO MUNDIAL DE LEITE

(bilhões de litros)



Fonte: FAO

Estratégico para o abastecimento do país

O Engenheiro-agrônomo e Mestre em Agronegócios, Antônio Carlos de Souza Lima Jr., em artigo no site Milkpoint, faz um Raio X da cadeia produtiva do leite, no Paraná



Brasil leiteiro de Sul a Norte - Paraná

No Paraná tive a oportunidade de viver e interagir com a cadeia do leite diretamente durante 18 meses. Foi uma experiência espetacular. Nesse Estado pude conviver com uma agricultura de elevado conteúdo técnico e de alta produtividade nos diversos produtos do agronegócio ali cultivados. São muitas máquinas cortando o solo paranaense durante todo o ano.

A produção e produtividade da soja é fantástica. Uma vez colhida, vem o milho safrinha, com elevadíssima colheita, diferenciado de qualquer outro Estado do país. Retirado o milho para a silagem, surge a terceira safra, principalmente com o trigo e as forrageiras de inverno. O Estado com apenas 199.315 km², ocupa posição de destaque no ranking nacional de soja, milho e trigo, aves e suínos, além do leite.

O Paraná é um tradicional produtor de leite. O gosto pela bovinocultura veio como herança da população europeia que se firmou no Estado, consolidado pela estrutura fundiária, onde a prevalência

de pequenas propriedades é marcante. A imigração dos holandeses na década de 50, nas regiões de Castro, Carambeí e Arapoti, e, dos alemães, na região de Witmarsum, é um caso de sucesso para o setor leiteiro nacional. Estes “bravos” colonizadores transformaram as terras de campo num celeiro da produção de grãos e leite com adoção de muita tecnologia. Essa região tornou-se referência para todo o país em genética e produtividade de leite. Os “gaúchos europeus” também fazem parte dessa história, integrando uma presença importante na composição dos 114.000 produtores de leite.

Considera-se que 70% dos produtores paranaenses são responsáveis por 30% da produção e os demais 30%, respondem por 70% da mesma, o que comprova a importância social dessa atividade no Estado.

Com a produção de 3,97 bilhões de litros em 2012, 12,3% da produção nacional, o Paraná encosta no Rio Grande do Sul, ocupando o terceiro lugar no ranking dos Estados, segundo dados da Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), do IBGE.

No período 2008-2012, o aumento médio da produção brasileira de leite foi de 17%, enquanto o crescimento da produção paranaense foi de 40%, sendo considerado o mais alto do país.

Embora a atividade leiteira esteja presente nos 399 municípios paranaenses, ela se destaca no Oeste e Sudoeste do estado. As regiões de Francisco Beltrão, no Sudoeste, Ponta Grossa, nos Campos Gerais, Castro, no Centro Sul, Marechal Cândido Rondon e Toledo, na região Oeste, apresentam as maiores produções.

Um fato relevante que retrata a grandeza dessa atividade no Paraná é de que cinco dentre as 12 maiores empresas de laticínios do Brasil do Ranking de 2013 – elaborado pela LEITE BRASIL, CNA, OCB, CBCL VIVA LÁCTEOS e EMBRAPA/Gado de Leite, estão

presentes com operação no Estado (DPA, BRF, Castrolanda/Batavo, Confepar e Frimesa).

Na recente edição especial da revista Exame Melhores e Maiores de 2014, que lista as 1.000 maiores empresas do Brasil, as empresas BRF, Castrolanda, Frimesa e Batavo, presentes no Paraná, figuram entre as 100 maiores empresas da região Sul.

Ranking do Milkpoint e SENAR-PR

O Paraná leiteiro também é destaque na edição 2014 do Top 100 do MilkPoint, onde ocupa a segunda posição, com 17% das propriedades. Dentre as 10 maiores, as três da região Sul, são desse Estado.

A raça leiteira predominante é a holandesa. Há ainda, muitos rebanhos mestiços com elevada participação da raça Jersey. O Estado é exportador de genética para todo o país. As cooperativas do Pool ABC e Witmarsum sempre venderam muitos animais na forma de reprodutores, vacas e novilhas. A inseminação artificial é uma prática convencional nos rebanhos. Ainda assim, em algumas localidades do Estado menos tecnicada, principalmente no lado Oeste, encontramos produtores que não foram bem sucedidos e retornaram aos touros.

No Paraná podemos assegurar que embora haja mais ordenhas mecanizadas que na região Sudeste do país, ainda há menos ordenhadeiras que no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Entre os fatores que contribuem para o elevado desempenho tecnológico no Estado, estão a capacitação de produtores e dos profissionais que atuam na cadeia produtiva do leite, o melhoramento genético do rebanho, programas de inseminação artificial e as formas de nutrição alimentar.

O pasto é o volumoso básico da alimentação. No verão é comum em todo o Estado as forrageiras tropicais (mombaça, tifton, estrela e outras), e, na parte mais ao Sul, as forrageiras, aveia e azevém, no período de inverno. Na região Centro Sul, muitos produtores já migraram para o confinamento total, com adoção de freestall. Nesses sistemas prevalece a dieta com uso da silagem de milho, silagem pré-secada de aveia e/ou azevém e feno, todos suplementados com os



Disponível no link: <http://www.milkpoint.com.br/cadeia-do-leite/espaco-aberto/brasil-leiteiro-de-sul-a-norte-parana-89880n.aspx#991351516096848>

Antônio Carlos de Souza Lima Jr. - Engenheiro-Agrônomo (UFV), Mestre em Agronegócios (UFG/UNB). Foi um dos idealizadores do Projeto de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira de Viçosa (PDPL) e coordenou o Programa de Desenvolvimento de Produtores e Qualidade da Matéria Prima da LBR.

concentrados. O Paraná, que também é um importante produtor de mandioca, tem nos subprodutos desta cultura uma fonte de alimentos no período de escassez de forragem.

O Estado é precursor em programas de capacitação de pessoas para a atividade. O SENAR-PR, em parceria com o SEBRAE, criou um programa exemplar para a formação de jovens empreendedores rurais, chamado Programa Empreendedor Rural (PER). Este, certamente têm sido o alicerce da boa performance do agronegócio no Estado e viabilizará a sustentabilidade desse crescimento. Sabidamente o PER foi nacionalizado e, hoje, já é desenvolvido em outras unidades da federação.

O Centro de Treinamento para Pecuaristas (CPT), de Castro, criado há quase 50 anos para qualificar a mão de obra voltada ao trabalho da produção leiteira, é outro exemplo que deveria ser reproduzido em todo o país.

A Emater local também tem papel relevante no desenvolvimento sócio-econômico da produção rural no Estado. Na região Noroeste, tive a oportunidade de promover eventos com esta empresa e conhecer profissionais competentes com trabalhos de assistência técnica muito eficazes.

O Programa Balde Cheio, desenvolvido pela Embrapa Pecuária Sudeste, foi inspirado na experiência do Paraná. A Cooperideal, uma das maiores cooperativas de técnicos especializados em leite, foi criada no Estado e tem sua sede em Londrina.

Conseleite



Outra iniciativa interessante para a cadeia do leite paranaense foi a criação do Conseleite Paraná, conselho paritário entre os segmentos produtor e indústria, cujo objetivo é nortear a política

de remuneração dos produtores com base nos preços praticados no mercado, mitigando assim os conflitos entre os segmentos da cadeia produtiva. Uma equipe de técnicos da Universidade Federal do Paraná processa os dados de volumes e preços do mercado do leite que são apresentados mensalmente em reunião do setor. Os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Rondônia já reproduziram esta experiência.

O Paraná apresenta um importante parque industrial mesclado com fábricas antigas e outras novas. Boa parte da produção é processada na forma de leite longa vida e queijos, comercializados no Estado, no país e até exportados, principalmente na forma de pó. O leite paranaense também é exportado na forma “in natura” para outras regiões, como São Paulo e Minas Gerais.

No mercado formal, o Estado possui aproximadamente 200 indústrias de laticínios sendo 110 com Serviço de Inspeção Federal (SIF), e 90 com Serviço de Inspeção do Paraná (SIP).

A captação do leite também é realizada através da própria indústria ou terceirizada. Como no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, o modelo predominante na remuneração do transportador terceiro ainda é por litro de leite transportado, o que implica nas mesmas consequências ruins da dependência do transportador. Tive a oportunidade de gerenciar pessoalmente grandes conflitos relacionados com o domínio do leite dos produtores pelo transportador. A comercialização de linhas de leite ainda é prática presente no setor.

Quanto a qualidade do leite, podemos considerá-la já bastante diferenciada nas regiões colonizadas pelos holandeses e alemães, especialmente no que se refere a Contagem Bacteriana Total (CBT). O leite captado pela Cooperativa Castrolanda, por exemplo, apresenta uma CBT compatível com as melhores fazendas do mundo leiteiro desenvolvido.

A cultura do associativismo é bastante praticada. O conceito é muito bom quando se pensa em fortalecer o segmento produtor e, conseqüentemente toda a cadeia produtiva, mas não apenas para reivindicação de preços ao produtor, como em geral acontece. Há muito que se melhorar na organização das associações. As lideranças atuam muito focadas apenas com a “plataforma” do preço e pouco no desenvolvimento dos produtores. Programas de assistência técnica, compras conjuntas, inseminação artificial em grupo, recria de fêmeas comunitárias deveriam também ser priorizados nas ações destas organizações. Negocie diretamente com elas em muitas oportunidades e a pauta, na maioria das vezes, foi apenas endereçada aos preços do leite, o que também é importante, mas não o suficiente, tendo em vista que estes dependem muito da conjuntura do mercado.

Podemos fechar este artigo considerando o Paraná não apenas como uma importante região estratégica para o abastecimento do país, mas certos de que temos muitas boas experiências que merecem ser multiplicadas para o setor leiteiro e todo o Agronegócio do país.

R\$ 30 milhões para microbacias

Banco Mundial financia recuperação e conservação do solo



Com investimento estimado de R\$ 30 milhões até 2017, o governo do Paraná lançou em junho o programa de Gestão de Solo e Água em Microbacias. A iniciativa vai beneficiar inicialmente 30 municípios com a adequação ambiental de 350 microbacias.

O programa vai contribuir para a recuperação e conservação do solo, trazendo reflexos positivos para a agricultura paranaense. “A partir de uma determinação do governador Beto Richa, contratamos um empréstimo com o Banco Mundial, que permitirá um investimento consistente e qualificado na adequação ambiental das bacias hidrográficas em condições mais urgentes no Paraná”, explicou o secretário estadual da Agricultura, Norberto Ortigara. O secretário lembrou que durante a década de 1980 as iniciativas para o manejo de solos e águas em microbacias colocaram o Estado na vanguarda nacional do desenvolvimento sustentável e foram consideradas pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) como modelo para o mundo no manejo e conservação de solos.

O programa de microbacias visa apoiar os produtores rurais, estimulando a produtividade das lavouras, mais renda e emprego no campo. “A agricultura é a base da nossa economia, que gera muitas divisas ao Brasil e empregos à nossa gente. E nada mais inteligente que facilitar a vida de quem produz, garantindo as condições necessárias

para produzir ainda mais em benefício de nosso Estado e do nosso País”, disse o governador. Ele destacou as ações de melhoria das estradas rurais, com a Patrulha do Campo e repasse de óleo diesel, os investimentos no Porto de Paranaguá, e obras de melhorias na infraestrutura rodoviária.

Ação integrada

O programa envolve ações da Secretaria Estadual da Agricultura e do Abastecimento (Seab), Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e o Instituto das Águas do Paraná. Enquanto a Seab e a Emater vão investir em ações para melhorar a produção agrícola nas microbacias, corrigir os problemas existentes e planejar melhor as ações de correção dentro de cada região, o Instituto Águas do Paraná irá implantar 480 sistemas de abastecimento de água (poços tubulares). Com as medidas, será possível beneficiar 29 mil produtores rurais, também 10 mil famílias terão acesso a água de qualidade e mais de 2.000 nascentes no Estado serão recuperadas ou protegidas.

“As ações serão distribuídas prioritariamente em áreas de agricultura e pecuária intensiva com problemas de erosão, uso intensivo e inadequado de agrotóxicos e fertilizantes, em áreas de alta fragilidade de solos, com alta demanda de água e onde exista um contingente significativo de agricultores familiares”, explicou Ortigara.

Os convênios

Os municípios que assinaram convênios para adequação de microbacias são Anahy, Cascavel, Corbélia, Iguatu, Terra Boa, Sertaneja, Dois Vinhos, Ampére, Marmeleiro, Realeza, Santa Izabel do Oeste, Candói, Goioxim, Guarapuava, Fernandes Pinheiro, Irati, Tomazina, Laranjeiras do Sul, Paraíso do Norte, Bom Sucesso do Sul, Coronel Vivida, Mariópolis, Saudade do Iguaçu, Vitorino, Mercedes, Tupãssi, Altônia, Iporã, São Jorge do Patrocínio e Xambê.

A FAIXA DE GAZA

O conflito permanente entre foguetes árabes e bombardeios israelenses

Áreas das cidades brasileiras dominadas pelo narcotráfico, crimes e tiroteios, ganham dos policiais o apelido de “Faixa de Gaza”. A justificativa vem do Oriente Médio, região onde o pavio está permanentemente aceso e as explosões nessa Faixa se sucedem. Períodos de escaramuças são intercalados por bombardeios israelenses e foguetes disparados pelo Hamas em direção ao território judeu. Surgem propostas de cessar-fogo, interrompe-se os bombardeios, mas essa rotina sangrenta não termina. Afinal, o que é a Faixa de Gaza?

São apenas 45 quilômetros de comprimento e de 6 a 10 quilômetros de largura, uma fronteira de 51 quilômetros com Israel e de 11 quilômetros com o Egito. É um dos territórios mais densamente povoados do planeta, com uma população estimada em 1,5 milhões de habitantes para uma área total de 360 km². Sua denominação deriva do nome da principal cidade na região, Gaza. O território é plano, seu ponto mais alto está a 105 metros de altura e apenas 13% do território são de terras aráveis.

Atualmente a Faixa de Gaza não é reconhecida internacionalmente como pertencente a um país soberano. O espaço aéreo e o acesso marítimo à Faixa de Gaza são controlados por Israel, que ocupou militarmente o território entre junho de 1967 e agosto de 2005.

História da Faixa de Gaza

Sua história vem com o fim do Império Otomano (Estado turco que existiu entre 1299 e 1922) quando esse território foi concedido à Grã-Bretanha. Em 1947 a ONU dividiu a Palestina em dois estados - um judeu e o outro árabe, e a área que corresponde à Faixa de Gaza deveria integrar o estado árabe. O plano foi rejeitado pelos árabes, dando início à primeira guerra árabe-israelense. Durante este conflito, Gaza invadida pelo Egito e em resultado das lutas com Israel, acabou por definida uma linha de armistício em torno da cidade, que se tornaria a Faixa de Gaza.

As populações palestinas re-

fugiadas em consequência da guerra ocuparam esse território, que ficou sob controle egípcio entre 1949 e 1967, exceto no anos de 1956-1957 quando foi tomada por Israel durante a crise do Canal de Suez. Como nem Egito nem Israel reconheceram os refugiados a Organização das Nações Unidas instalou campos de refugiados para apoiá-los. E aumentaram as confusões.

Em 1967, Israel ocupou a Faixa de Gaza em resultado da sua vitória na Guerra dos Seis Dias. Durante as décadas de 70 e 80 seriam ali instaladas colônias pelos governos de Israel. Em dezembro de 1987 iniciou-se a primeira Intifada, ou o levante da população palestina contra o exército israelita.

Em setembro de 1993, Israel e representantes da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) assinaram os Acordos de Oslo, nos quais se previa a administração por parte dos palestinos da Faixa de Gaza e de partes da Cisjordânia através de uma entidade política, a Autoridade Nacional Palestina. Mas dois grupos, o Hamas, movimento político de caráter religioso nascido em Gaza em

UMA RÁPIDA HISTÓRIA DA FAIXA DE GAZA

1897. criada a Organização Sionista Mundial para advogar pela causa judaica na Palestina.

1917. O Britânico James Balfour aprova a criação da terra natal para judeus na Palestina.



1947. As Nações Unidas aprovam o plano de separação do oeste da Palestina em dois estados.

1948 a 1949. A comunidade judaica declara-se independente no novo estado de Israel.

Fevereiro a Julho de 1949.

Israel e árabes aprovam uma trégua que resulta no controle de 78% de Israel na Palestina. 700.000 palestinos árabes tornaram-se refugiados durante esse período.



1967. Israel captura a península de Sinai do Egito e as colinas de Golã da Síria. As tropas de Israel não anexam a margem ocidental do Jordão começando ali a ocupação da região.

1987-1993. Palestino iniciam uma tomada em massa em Gaza, esse acontecimento é conhecido como a Primeira Intifada.

1993-1995. O acordo de Oslo fez a Palestina e Israel assina uma declaração de princípios em que cada nação procurava reconhecer a autonomia de cada governo.

1982, e a Jihad Islâmica, opuseram-se às negociações com Israel e realizaram a partir de 1995 uma série de ataques terroristas contra a população civil israelita. O início da segunda Intifada, em setembro de 2000, estagnou ainda mais as negociações.

O Hamas é apoiado pelo Irã e venceu o Fatah, grupo que comanda a Autoridade Nacional Palestina, em 2007, após uma semana de combates violentos e passou a dominar a Faixa de Gaza. Ocorreram vários conflitos entre Hamas e Fatah, com registro de centenas de mortos. As duas organizações chegaram a formar vários acordos que, no entanto, não duraram muito tempo. Novos conflitos ocorreram na Faixa de Gaza e a tensão aumentou no final de 2008, quando Israel passou a bombardear alvos na região e a invadiu, sob a alegação de que o Hamas recomeçara o lançamento de mísseis sobre seu território. Repetia-se o que ocorrera nos dois anos anteriores.

Um dos itens da carta de fundação do Hamas é a libertação total da Palestina, incluindo a eliminação do Estado de Israel. Muitos analistas definem que as negociações de paz devem começar com a retificação desta carta, como ocorreu com a OLP, enquanto outros definem que esta retificação deve ser o produto final da negociação.

O futuro da Faixa de Gaza permanece incerto, sendo o território visto como eventual parte de um futuro estado palestino. É uma faixa de terra árida sem paz.

O estopim do penúltimo conflito

A penúltima espiral de violência começou após o sequestro e assassinato de três estudantes israelenses perto de Hebron em junho, que Israel atribui ao Hamas, seguido alguns dias depois pelo assassinato de um jovem palestino que foi queimado vivo em Jerusalém por judeus de extrema direita.

Três alunos de um colégio religioso judeu foram sequestrados e assassinados na Cisjordânia. Seus corpos foram achados naquela região no final de junho, enterrados sob uma pilha de pedras, perto de Hebron. Israel suspeita que os assassinos tenham ligações com o Hamas, que nega envolvimento.

Um dia depois, Mohammed Abu Khder, um jovem palestino de Jerusalém Oriental, de 16 anos, foi sequestrado, torturado e atearam fogo em seu corpo. O governo prendeu três extremistas acusados pelo assassinato brutal. Eles fazem parte da extrema-direita religiosa que prega uma visão de mundo sem lugar aos palestinos. Do outro lado, o Hamas defende o fim do estado de Israel.



Abril 2003. A União Europeia, Nações Unidas, Estados Unidos e Rússia se reuniram para sanar os problemas entre os dois estados.

2005. As forças de defesa de Israel deixam a faixa de Gaza e quatro assentamentos ao norte do lado ocidente como parte de um plano de separação.

2000. A cúpula de Camp David retirou o exército israelense do Líbano. Essa cúpula ajudou os dois lados a aceitar o encerramento dos conflitos.



O Brasil num período delicado

Mais de 100 milhões de toneladas é a estimativa do Departamento de Agricultura (USDA) para a safra norte americana de soja e mais de 350 milhões de toneladas de milho - números que mexem com vigor no mercado de grãos. Alguns setores da economia brasileira apresentam sérias dificuldades, como automóveis e sucroalcooleiro. A indústria está capenga e vai se refletir noutros setores. O “Boletim Informativo da FAEP”, nesta e na próxima edição, publica a análise de especialistas na avaliação produção-mercado no atual contexto econômico. Pedro H Dejneka, Sócio Diretor da AGR BRASIL, empresa do Grupo AgResource de Chicago e colunista para o site da Revista Globo Rural, e o economista Marcelo Garrido Moreira, coordenador da Divisão de Conjuntura de Agropecuária (SEAB-PR), são os dois entrevistados.



1 - Qual a extensão dessa crise?

Dejneka - A situação é complicada, pois o governo foi agressivo demais na redução de suas taxas de juros após a crise global de 2008, o que sob uma análise simplificada, nos trouxe à situação atual de baixo crescimento e alta inflação. O país tem sérios desafios pela frente, e a possibilidade de menores preços nas commodities internacionais não ajuda. O que os líderes do Brasil farão para conseguir sair desta encruzilhada será chave para

a tendência dos próximos meses e anos. Para combater a inflação, necessita-se de juros mais altos, o que por sua vez, diminui o ritmo de crescimento do país. O Brasil está entrando em um período sério de ESTAGFLAÇÃO (baixo crescimento com inflação). Um possível novo ciclo de altas nos preços de commodities poderia auxiliar o país com excelentes ganhos em sua balança comercial. Infelizmente, este parece não ser o cenário atual para as commodities. O Brasil enfrenta um período delicado e vai precisar de excelente planejamento e certa dose de sorte para sair da situação atual. Ainda assim, o país conta com excelente capital intelectual e vários outros fatores favoráveis que, uma vez evitada uma crise maior, poderá novamente trazer anos prósperos à sua população.

2 - Quais as perspectivas macroeconômicas para o segundo semestre de 2014?

Dejneka - O mundo segue em “modo de recuperação”, com crescimento lento mas constante desde a crise de 2008. Infelizmente, muito do crescimento que hoje vemos no mundo é devido à incríveis níveis de incentivo monetário por parte de governos e Bancos Centrais ao redor do globo. Esta injeção extrema de capital traz um sentimento falso de “conforto” aos mercados financeiros e também à algumas camadas da sociedade. A China por exemplo, entre 2009 e 2013, injetou em sua economia em torno de 15 trilhões de dólares (200% de seu PIB e 400% acima do que o governo norte Americano injetou em sua economia, 3 trilhões de dólares).

Mesmo assim, níveis historicamente baixos de juros ao redor do mundo e excesso de capital especulativo, trazem seus benefícios, mesmo que possam ser temporários. Bolsas financeiras continuam batendo recordes nos EUA, com a maioria do mercado “anestesiada” contra reais problemas na economia americana e global. Esta alta nas bolsas e a recuperação do mercado imobiliário nos EUA traz mais confiança ao consumidor que gasta mais, auxiliando no crescimento temporário da economia.

Em resumo, enquanto governos ao redor do mundo continuarem suas campanhas de incentivos com crédito e capital baratos, o mundo deve continuar no seu rumo de lento mas constante crescimento. O problema é quando e como estas campanhas tiverem de ser retiradas dos sistemas financeiros – aí é bem possível que vejamos muito mais do que somente a ponta do iceberg...

3 - Quais suas projeções de área, produção e estoques da safra para a soja e o milho no mundo? E o Brasil?

MUNDO	MILHO	SOJA
ÁREA (milhões hectares)	176,800	117,2
PRODUÇÃO (milhões tons)	978,9	307,2
ESTOQUES (milhões tons)	187,2	87,1

BRASIL	MILHO	SOJA
ÁREA (milhões hectares)	14	30,6
PRODUÇÃO (milhões tons)	70	92
ESTOQUES (milhões tons)	3,1	9,2

4 - Quais suas projeções para o câmbio durante o segundo semestre de 2014 e primeiro semestre de 2015?

Dejneka - Sobre o câmbio para o médio prazo é, em nossa opinião, bastante dependente dos resultados das eleições deste ano. Se o governo atual for mantido, é bem possível que uma retirada de dólares do país por parte de investidores internacionais eleve a cotação do dólar rumo aos \$2,50. Caso a oposição seja eleita, isto pode ser visto como um resultado “agradável” para investidores internacionais, o que pode atrair novos investimentos para o país e possivelmente baixar cotações da moeda americana rumo à casa dos \$2,10. A partir daí, para o primeiro semestre de 2015, a direção da divisa norte-americana será ditada mais por resultados e não somente expectativas ou percepções sobre o direcionamento do governo brasileiro. Se o país conseguir domar a inflação e ao mesmo tempo incentivar crescimento, isto atrairá dólares ao país, e vice-versa.

5 - Qual pode ser a influência do prêmio no Porto de Paranaguá?

Dejneka - Prêmios atuais ajudam a amenizar para o produtor a recente baixa nos preços em Chicago. Chamamos a atenção para a possibilidade de prêmios à níveis bem menores nos próximos meses no Brasil, principalmente assim que a colheita americana estiver a todo vapor, durante o mês de setembro. Acreditamos que, dentro de condições normais de clima para as safras dos EUA e da América do Sul, prêmios deverão seguir a sazonalidade e deteriorar gradualmente até buscar uma recuperação durante a próxima entressafra brasileira, à partir de maio do ano que vem.



6 - Como está o movimento dos fundos nas commodities agrícolas e como eles podem se comportar?

Dejneka - Os fundos deixam aos poucos suas posições de compras. No trigo eles já acumulam posições de venda quase recordes. Na soja, os fundos assumiram posição total de venda nas últimas semanas, mas ainda longe dos níveis recordes registrados. Já no milho, fundos ainda acumulam posições de compra. Dentro de um quadro de oferta x demanda favorável à oferta, fundos tendem à assumir posições de venda e vice-versa. Se o quadro atual de leituras climáticas favoráveis se confirmar durante o mês de agosto, podemos ver fundos assumir posições agressivas de venda para soja e milho e isto pode trazer pressão adicional aos preços.

7 - Diante desse cenário, qual sua projeção, em que patamares, os preços da nova safra brasileira (paranaense) devem ficar num cenário otimista e em outro pessimista?

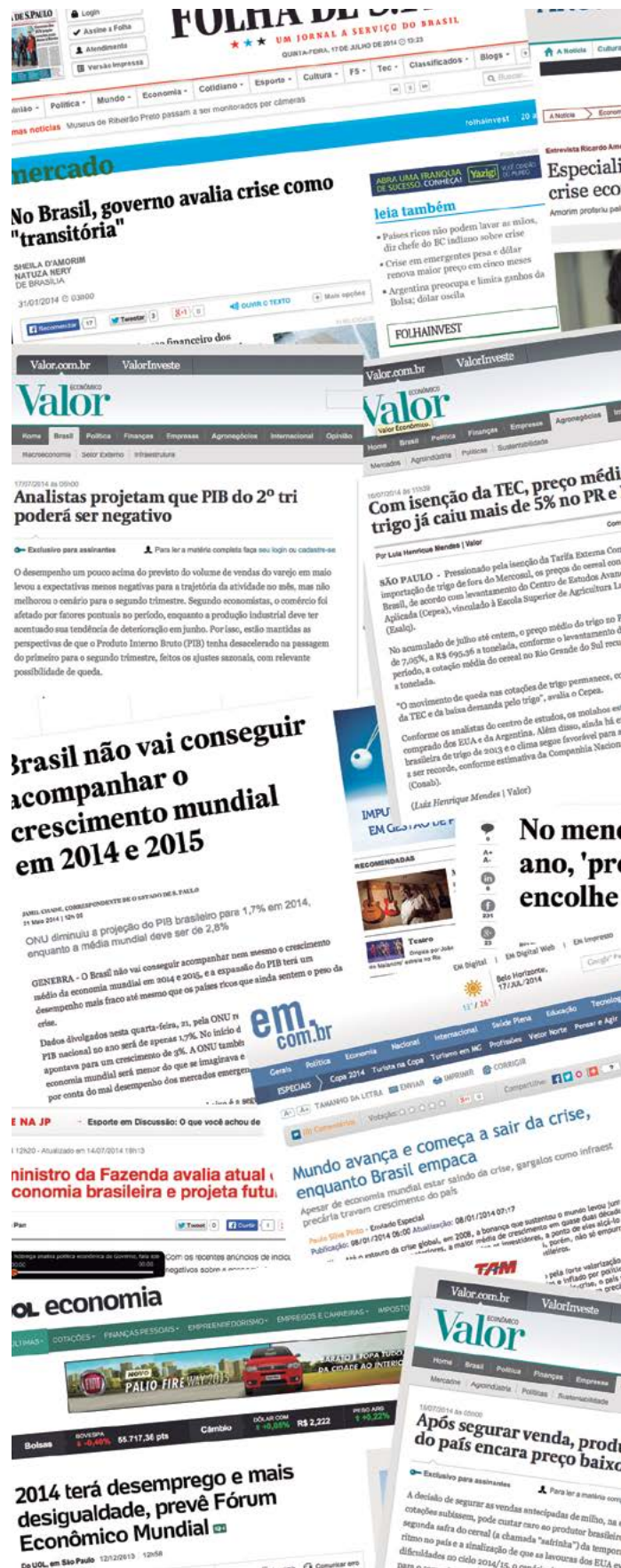
Dejneka - Temos bastante variáveis em jogo para a definição de tal quadro: dólar, preço internacional, demanda doméstica, prêmio interno, entre outros fatores. Isto torna a tentativa de definição de preço interno um jogo complicado de quebra-cabeça. De qualquer maneira, acreditamos que se o cenário atual se confirmar e se a possível chegada do El Niño na América do Sul também ajudar a safra por aí, poderão ser vistos preços a níveis baixos no mercado interno que não se viam há vários anos. Este ano é importantíssimo que o produtor mantenha um olho na sua conta de margem de produção e outro na direção dos mercados internos e externos. Poderá ser um ano desafiador, com margens menores do que a média dos últimos cinco anos.

Por outro lado, se houver algum problema não previsto para safra norte ou sul-americana, os preços podem reagir. Neste caso, prêmios também podem subir e se dólar também sobe, a tendência de preços excelentes para o produtor brasileiro e paranaense poderia continuar.

Os próximos três a seis meses deverão deixar o cenário bem mais claro sobre quais serão tais patamares para o primeiro semestre de 2015.

8 - Qual a estratégia/política de comercialização tem sido trabalhado com os produtores?

Dejneka - Nossos clientes têm um histórico invejável de margens de lucro nos últimos 20 anos. Destes que são produtores, a maioria compreende que acertar o pico de preços é um ato de sorte, não de prudência. Parece um conselho óbvio, mas é incrível a quantidade de produtores que escolhem caminhos "mais arriscados" na hora de sua





comercialização. Procuramos aproveitar movimentos de altas nos mercados para fazer o escalonamento de vendas para nossos clientes. Mesmo se existe a possibilidade de preços maiores, entendemos que a única garantia é o produto travado, vendido. Por isso, prezamos pela venda escalonada e contamos com um excelente histórico de comercialização. É claro que alteramos os percentuais de escalas de venda de acordo com a visão geral para preços, travando um percentual maior antecipadamente em períodos de baixa e um percentual menor em períodos de alta. Quanto ao custo, cada produtor tem um nível particular. A planilha de custos é importantíssima e deve conter históricos de custos, assim como projeções de curto, médio e longo prazos como uma referência. Compreender a expectativa de custo é o primeiro e mais importante passo para uma estratégia de comercialização de sucesso.

9 - Estamos entrando num período de turbulências políticas devido as eleições. Tivemos movimentos de gangorra entre pesquisas da presidente-candidata e a Bolsa de Valores. Como a economia pode ser afetada nos próximos meses?

Dejneka - A volatilidade deve continuar nos mercados financeiros e cotações do dólar até que tenha-se uma definição sobre o próximo governo brasileiro. Investidores internacionais procuram estabilidade para investir seu capital. Acreditamos que investidores irão aguardar os resultados das eleições para reavaliar suas intenções de investimento no país. Por isso, acredito que o dólar deve continuar sustentando entre 2,20 e 2,50 até o final do ano, é esta a maior definição. O ano que vem pode trazer um quadro diferente, de maior estabilidade e consequentemente baixas nas cotações de dólar. Novamente dependerá do resultado das eleições e medidas anunciadas para os próximos quatro anos de governo.

Enquanto tudo isto acontece, a economia brasileira continua com o enorme desafio de achar uma saída do beco da ESTAGFLAÇÃO). Ou seja, momentos desafiadores pela frente que devem durar alguns meses ou anos, mas que também podem trazer excelentes descobertas, medidas e atitudes para uma possível reação da economia nos anos seguintes.

Um ciclo de recomposição



1 - Qual a extensão dessa crise?

Marcelo Garrido - As safras americanas de milho e soja ainda estão no campo. Precisam ser colhidas para serem consolidadas. De qualquer forma, os preços praticados atualmente não são ruins, mas não tão bons como foram os da safra passada. Os agricultores brasileiros vem de uma sequência de pelo menos três safras consecutivas muito boas, tanto de preços como de produção.

A crise do setor sucroalcooleiro está relacionada com a maior produção externa de açúcar. Isso derrubou as cotações no mercado interno e reduziu o volume de exportações. Já o setor automobilístico está passando por uma estafa de abastecimento. O mercado está abastecido. Existem muitos brasileiros pagando financiamentos de longo prazo

(40-60 meses) que só poderão renovar seus veículos daqui a três ou quatro anos. Isso faz com que a aquisição de veículos novos se contraia.

2 - Quais suas projeções de área, produção e estoques da safra para a soja e o milho no mundo? E o Brasil?

Marcelo Garrido - A oferta de grãos está crescendo considerando que a produção dos EUA tem uma perspectiva atual muito boa. Com isso começa um ciclo de recomposição dos estoques mundiais e de preços mais estáveis. O Brasil vai continuar crescendo, não há como fazer um recuo da produção, isso seria um retrocesso. O que precisa é haver mecanismos eficientes de proteção a produção, como seguro renda por

exemplo, com atuação integrada em bolsa (hedge), para proteger os produtores das variações de preços do mercado. Por outro lado, é preciso melhorar o sistema logístico para baratear os custos do corredor de exportação e reduzir a carga tributária, que são pontos vulneráveis no Brasil.

3 - Qual pode ser a influência do prêmio no porto de Paranaguá?

Marcelo Garrido - É muito importante. Esse é um diferencial de preços que é pago por eficiência. Alguns negócios da futura safra já começam a ser planejados com base nesse novo modelo integrado de embarque no porto, e que recebe um plus de preço por eficiência.

4 - Qual sua projeção, em que patamares, os preços da nova safra brasileira (paranaense) devem ficar num cenário otimista e em outro pessimista?

Marcelo Garrido - A previsão de preços futuros vai depender de vários fatores, como: desempenho real da safra dos EUA (só depois de colhida é possível saber), maior ou menor consumo dos países asiáticos em especial as importações da China do Brasil e dos EUA. Por fim, uma redução drástica de preços não tem espaço, assim como um elevação e prática nos mesmos níveis de 2013, também não.

8 - Qual a estratégia/política de comercialização que tem sido trabalhado com os produtores?

Marcelo Garrido - O melhor preço de venda é aquele que cobre os custos de produção e lhe confere uma margem de lucro. Esperar, para sempre tentar vender no melhor preço, é um negócio de alto risco. Quem vendeu soja há um mês atrás, conseguiu vender por um preço bem melhor do que o de hoje. Talvez, quem vender hoje, venda bem pior do que vai vender daqui a 60 dias. Portanto, o melhor preço é o que descrevemos no primeiro parágrafo.

9 - Como a economia pode ser afetada nos próximos meses onde a questão eleitoral vai predominar?

Marcelo Garrido - Relativamente ao setor agrícola, a situação não muda muito. Estamos num estado aonde se planta 90% da área com milho e soja. Mais soja do que milho. Portanto, quem fez a programação para a safra de verão 2014-2015, já comprou todos os insumos, assim sendo, não há como recuar.



Preço x custos

Os preços no mercado físico e futuro da soja e do milho estão caindo, com a iminência de uma grande colheita nos Estados Unidos no último trimestre deste ano.

Mas os custos de produção no Brasil, por sua vez, não recuaram na mesma medida.

Segundo a consultoria Informa Economics FNP, relacionando o preço da soja e o dos fertilizantes em importantes polos agrícolas de seis Estados (MT, PR, RS, GO, SP e MG), ilustra a diferença entre a atual situação de mercado e do ano passado.

Em julho de 2013, para comprar uma tonelada de fertilizantes básicos eram necessárias 18,89 sacas de soja, a preços na data de entrega do produto.

Atualmente, o fertilizante está 6 por cento mais barato, mas o preço obtido pela soja caiu 11 por cento. Assim, são necessárias agora 20,03 sacas de soja para comprar a mesma tonelada de fertilizantes.

Na avaliação do diretor da Informa FNP, José Vicente Ferraz, as margens dos produtores de grãos vão continuar “razoáveis” após cerca de 10 anos com preços e rentabilidades em gerais muito boas.

“Vamos ter uma interrupção um pouco mais longa, de talvez dois anos, onde pode ter uma rentabilidade mais apertada, mas não será nenhuma catástrofe para produtores eficientes e profissionais”, disse o analista.

Fonte: Revista Exame

Oito anos de cadeia

É a pena prevista em Projeto de Lei para o abigeato



A atividade fora-da-lei leva um nome estranho, mas “abigeato” significa furtos envolvendo animais do campo e os especialistas explicam que tem por característica o fato de ser sempre praticado durante o período noturno, “haja vista que a escuridão ou a pouca vigilância acaba por facilitar a execução do delito e também tornar difícil a identificação do agente praticante”. O isolamento das propriedades facilita a ação da bandidagem e tem aumentado. Para tentar ao menos amedrontar seus autores, foi apresentado na Câmara Federal o Projeto de Lei nº 6999/2013.

O texto trata do crime de abigeato e o comércio de carne e outros alimentos sem procedência legal, de autoria do deputado federal Afonso Hamm (PP-RS). Já tem parecer favorável do relator, o deputado federal Esperidião Amin (PP/SC), na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania e está pronto para votação.

No parecer, Amin diz que o PL obedece os requisitos de constitucionalidade e que se trata de uma matéria de grande relevância para ordenamento jurídico a providência de definir como furto qualificado aquele praticado contra animais.

“O crime de abigeato, ou furto de animais, não causa danos só ao produtor, mas a toda a sociedade, pois quando não há garantia da origem do alimento, à saúde humana expõe-se a danos de toda ordem”, argumenta. O texto de Hamm propõe pena de dois até oito anos de prisão para quem furta e abate ilegalmente animais, além de responsabilizar quem vende o produto.

Histórico gaúcho

Policiais, fazendeiros e historiadores costumam dizer que o furto de animais, atividade conhecida como abigeato, é um crime que existe desde antes da fundação do Rio Grande do Sul.

No princípio, o objetivo do furto era alimentar a família. Era conhecido como abigeato de garupa. Mais tarde, a carne passou a ser vendida aos açougues nas periferias. Hoje, os “abigeatários” transportam o gado para centros clandestinos de abate.

Entre os motivos que contribuíram para a perenidade desse crime está a dificuldade de enquadrar os ladrões em crimes graves do Código Penal, como formação de quadrilha, falta de estrutura na investigação e problemas na identificação da procedência da carne.

Uma das sugestões apresentadas pelos gaúchos prevê a identificação obrigatória do rebanho.

O brinco colocado no gado dificultaria a legalização do animal furtado, hoje feita com a emissão de nota fiscal fria. Porém, segundo o Serviço Brasileiro de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos (Sisbov), do governo federal, a identificação é voluntária e poucas propriedades o utilizam. No Uruguai, onde o procedimento se tornou obrigatório, o abigeato caiu mais de 40%.

Conhecimento para diversificar

Para o pequeno produtor informação sobre a produção e comercialização são essenciais para diversificar a renda



Um exemplo de diversificação da produção e consequentemente da renda vem do município de Irati, com o produtor e presidente do sindicato rural Mesaque Kecot Veres, 51 anos. Produtor integrado de fumo há mais de 10 anos ele encontrou na produção de frutas desidratadas uma boa alternativa de renda. “Conhecimento da produção e comercialização são a chave para que o pequeno produtor encontre com segurança uma atividade que complemente sua renda”, afirma.

Desde 1996, Mesaque busca uma alternativa de renda na pequena propriedade de 1,9 hectares. Nesse ano ele começou a produção de ervas medicinais nativas na região. “Mas a grande dificuldade do produtor é no processo de certificação da produção, só assim conseguimos as melhores condições para comercializar com os revendedores, mas os entraves são muitos”.

Mesmo com dificuldades o produtor persistiu por cinco anos com as ervas medicinais, mas em paralelo foi buscar mais informações sobre gestão rural nos cursos do SENAR-PR. Segundo ele, quando o agricultor aprende mais sobre a gestão da propriedade consegue desenvolver a visão do seu negócio.

“Quando somos integrados a uma indústria, como acontece com a produção do fumo, temos apoio na questão da gestão, mas quando iniciamos uma atividade alternativa todos os riscos são por nossa conta. Por isso o conhecimento é fundamental para o sucesso

ou fracasso”, completa.

Foi folheando um livro de história que mostrava o processo de secagem do damasco, que Mesaque teve a ideia de usar a mesma estrutura de secagem do fumo da propriedade que fica ociosa após a safra, para secar as frutas. Com os pés no chão o produtor iniciou a atividade com a secagem de cinco caixas de frutas por mês. Para a comercialização buscou sua rede de relacionamentos com as lojas onde já fornecia as ervas medicinais.

Hoje o produtor processa por mês entre 250 a 300 caixas de frutas. E a comercialização extrapolou os limites do município de Irati e região, chegando a Curitiba no Mercado Municipal. “Na minha propriedade tenho laranja, limão, pimenta e caqui. As frutas que não tenho na propriedade compro dos vizinhos ou no Ceasa, como é o caso das frutas de clima quente - mamão, abacaxi, banana, manga e tomate. O mais importante é não perder o foco da qualidade do processo de produção, tendo sempre como base as normas de manipulação da Vigilância Sanitária. Esse é o segredo para conquistar e manter os clientes”, revela.

Sempre de olho nos custos de produção ele revela que também já testou algumas fontes de energia para a secagem – elétrica, gás e agora está com a madeira. “Como tenho reflorestamento na propriedade depois de uma análise de custo optei pela madeira que atualmente é a mais viável”.

Ficou na promessa

Metade das obras do PAC no Paraná nem foi licitada, diz jornal



Baseado no último balanço do PAC 2, mostrando o que foi feito até dezembro passado, o jornal “Gazeta do Povo” (13/07) fez revelações surpreendentes. “A metade das obras do PAC no Paraná nem foi licitada” estampou o jornal. Cerca de 42% das obras ainda nem saíram do papel, especialmente as que foram propostas por municípios pequenos, e que 2.381 projetos que constam do balanço, 1.004 ainda estão com o status de ação preparatória ou em licitação. Muitos desses não têm previsão de custo no documento, já que há uma ressalva de que podem ser realizados por meio do Regime Diferenciado de Contratação (RDC). No Paraná, outras 478 obras estão concluídas e 899 em andamento.

O professor de Administração Pública da Universidade de Brasília José Matias Pereira, pondera que a tendência nesse sistema (RDC) é de as obras saírem mais caras, porque as empresas têm vantagem para fazer o reajuste de preço nessa modalidade. “Se essas diferenças de repasse de contratação ficarem por conta dos municípios pequenos, a tendência é que as obras não se

concretizem”, analisa.

Além desse retrato do PAC 2 que será substituído pelo PAC 3 em agosto, conforme anúncio do governo, a GP buscou as promessas feitas por Lula e Dilma. Como o trem-bala.

Em 2009, quando ainda era ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff avisou que o governo pretendia inaugurar o trecho do trem-bala entre São Paulo e Rio de Janeiro antes da Copa do Mundo. A estimativa de custos, inicialmente de R\$ 18 bilhões, havia saltado para R\$ 35,6 bilhões ainda em 2008 – valor que, corrigido pela inflação, corresponde hoje a mais de R\$ 50 bilhões. É mais do que tudo o que foi investido em ferrovias e aeroportos nos últimos 15 anos”, comentou o jornal.

“Pretendemos ter os trens em funcionamento em 2014, para a Copa do Mundo, até porque essa é uma região muito importante em termos de movimentação na Copa.” Dilma Rousseff, então ministra da Casa Civil, sobre o trem-bala, em 2009.



“O etanol e o biodiesel – que dominaram os discursos do então presidente Lula a partir de 2004 – são exemplos de projetos que desandaram, em parte, por culpa da política econômica. Durante anos o presidente, feito um embaixador do combustível de cana, rodou o mundo tentando transformar o álcool em commodity e colocar o Brasil na liderança global das alternativas ao petróleo”, diz o jornal.

Além de não conseguir acordos consistentes, mais tarde o Planalto minou a competitividade do etanol ao congelar os preços da gasolina – o que, de quebra, abreviou a frágil autossuficiência brasileira em petróleo.

A preocupação com a inflação também atrasou o programa do biodiesel. O governo demorou a elevar a mistura obrigatória do combustível vegetal – mais caro – ao óleo diesel, o que fez com que as 61 usinas do país operem hoje com ociosidade de mais de 60%.



Frustração ainda maior é que, em vez de usar a mamona e outras culturas mais apropriadas à agricultura familiar, que se mostraram inviáveis, a indústria do biodiesel adotou a soja como principal matéria-prima, limitando o alcance social do programa.

“O Brasil será a maior potência energética da Terra. Conseguimos a autossuficiência de petróleo, em dois anos produziremos a maior parte do gás que consumimos e somos os mais competitivos na produção de etanol e biodiesel.” **Lula, em maio de 2006, em entrevista ao jornal francês Le Monde.**

“O programa que eu mais gosto é o do biodiesel da mamona. Vai ter um dia que estaremos vendendo o biodiesel da mamona para o mundo.” **Luiz Inácio Lula da Silva, então presidente, em dezembro de 2005.**

Tecnologia

“Mais ligados ao universo da ficção foram os anúncios da construção de uma fábrica japonesa de semicondutores (chips) ao custo de pelo menos US\$ 500 milhões, feito em 2006, e de um investimento de US\$ 12 bilhões da chinesa Foxconn para produzir telas de LCD e aparelhos da Apple em um megacomplexo industrial, em 2011”. Em ambos os casos, autoridades divulgaram os projetos sem que os empresários tivessem assumido qualquer compromisso. “O governo por vezes age movido pela emoção, por anúncios de impacto, sem que haja um plano estratégico por trás”, avaliou o economista Newton Marques, da Universidade de Brasília.

“Nós queremos ter, neste país, a capacidade de termos um parque de semicondutores para que a gente possa, através da microeletrônica, nos transformar numa nação tão importante quanto eles (os japoneses) já são.” **Lula, em abril de 2006, sobre a fábrica de semicondutores negociada com o Japão.**

Empréstimo não é realização

Para o professor de Administração Pública da Universidade de Brasília José Matias-Pereira, o cenário dos PACs é o retrato da situação a que chegamos, de travamento da máquina pública, que é grave. “Quando o governo lançou o PAC 1, uma das intenções era vender a imagem da atual presidente como de uma pessoa empreendedora. Ao examinarmos o PAC, especialmente o 2, tem uma questão básica: o grande motor é o Minha Casa, Minha Vida e isso não é realização de governo, é concessão de empréstimo”, disse o professor ao jornal curitibano. Segundo ele, “nós temos um problema muito sério de planejamento. O Brasil não sabe para onde quer ir e quando isso acontece, qualquer caminho é válido”.

Empresa Pública

Decreto regulamenta novo modelo de administração do Porto de Paranaguá



Luiz Henrique Dividino

O governador Beto Richa assinou o decreto estadual 11.562, que regulamenta a Administração dos Portos Paranaenses como empresa pública. Caberá a ela administrar os terminais portuários do Estado e o decreto marca a segunda etapa da implantação da nova empresa.

A primeira etapa (lei estadual 17.895/2014) transformou os portos paranaenses de autarquia para empresa pública e a lei foi sancionada no início deste ano. Nela foi estabelecido o prazo de seis meses para regulamentação do estatuto da empresa gestora, o que ocorreu no último dia 15.

“A transição de autarquia para empresa pública é um processo tranquilo e que não trará mudanças operacionais”, explica o superintendente dos portos do Paraná, Luiz Henrique Dividino, “trata-se de uma mudança no caráter administrativo da empresa, que não trará impactos na atividade portuária”, disse ele.

Estrutura

A empresa pública será dirigida por dois órgãos: Conselho Administrativo e Diretoria Executiva, esta com um diretor-presidente e outros sete diretores: administrativo-financeiro, de operações portuárias, de engenharia e manutenção, comercial, de meio ambiente, jurídico e do Porto de Antonina.

Já o Conselho de Administração foi formado por três membros indicados pelo Governo do Estado, um membro representando os trabalhadores portuários e um representando a

classe dos empresários. Como indicados da classe trabalhadora estão Maria do Perpétuo Socorro Oliveira, como membro titular, e Orlei Souza Miranda, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Portuários (Sintraport), como suplente. Maria do Socorro é funcionária do quadro efetivo da Appa e membro do CAP.



O conselheiro Nilson Hanke Camargo

Representando a classe empresarial, o G7, que congrega entidades do setor produtivo paranaense, foram indicados Nilson Hanke Camargo, da FAEP como titular, e João Arthur Mohr, da FIEP, como suplente. Nilson é engenheiro agrônomo e bacharel em Ciências Econômicas, Pós-Graduado em Elaboração e Análise de Projetos pelo Instituto de Planejamento Econômico e Social - IPEA.- SEPLAN. Exerce as atividades de assessor técnico da entidade desde 2011, atuando em temas referentes à infraestrutura e logística. Entre eles como visitante permanente no CAP do Porto de Paranaguá e Antonina desde 2002.

Propostas de adequação do zoneamento agrícola



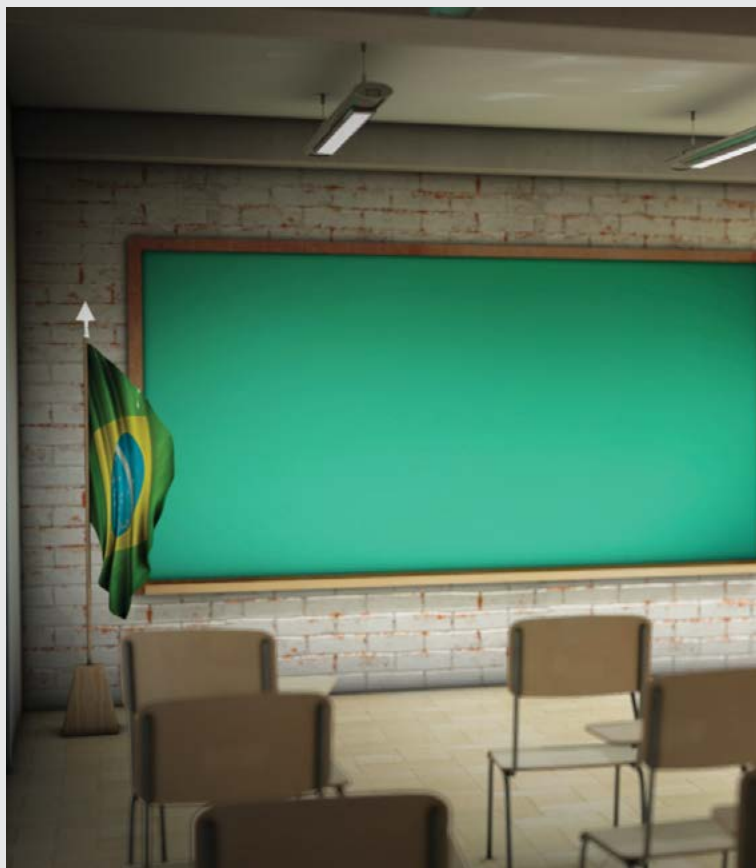
A FAEP, a Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar) e a Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab) encaminharam, no último dia 11 de julho, uma carta conjunta ao secretário de Política Agrícola, Seneri Kernbeis Paludo, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), solicitando a adequação do zoneamento agrícola devido aos avanços tecnológicos da genética e manejo das lavouras. “Tal tecnologia tem disponibilizado novas variedades cujos ciclos permitem cultivos com excelentes resultados de produção em épocas diversas das atualmente recomendadas pelo zoneamento”, justifica o documento.

A adequação do zoneamento agrícola a diversas culturas é um pedido dos produtores rurais do Paraná, responsáveis pela segunda maior produção de grãos do país. Confira abaixo as novas solicitações na íntegra:

- Antecipação do plantio de trigo ciclo médio para 1º de abril na região Oeste;
- Antecipação do início do plantio da soja na região Oeste para 15 de setembro;
- Ampliação da janela de plantio de trigo na região Sudoeste;
- Inclusão do milho 2ª safra na região Noroeste (que já foi objeto de solicitação e de enquadramento no zoneamento através do ofício conjunto das três instituições citadas, enviado à Secretaria de Política Agrícola desse ministério em 18 de setembro de 2013);
- Readequação das épocas de plantio de soja, milho, trigo e feijão na região Sudoeste;
- Inclusão do município de Congoinhas como apto ao cultivo de ameixa;
- Inclusão do município de Arapoti como apto ao cultivo de café;
- Inclusão do município de Pato Branco como apto à implantação de feijão 3ª safra;
- Prorrogação por um decêndio do período de plantio de trigo em Prudentópolis;
- Desenvolvimento do zoneamento agrícola de risco climático para a cultura de arroz irrigado no Paraná.

Conselho Consultivo do SENAR-PR

O SENAR-PR apresentou, no último dia 11, um balanço de suas ações do 1º quadrimestre de 2014 para os integrantes do Conselho Consultivo. Estavam presentes representantes do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa); Embrapa; Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar); Emater; secretarias estaduais da Educação e Agricultura; Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar); FAEP e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep). Também participaram do encontro o superintendente do SENAR de Goiás, Eurípedes Bassamurfo da Costa e técnicos daquela instituição. O relatório de atividades foi apresentado pelo superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto e pelo gerente técnico, Eduardo Gomes. “Estamos atuando de forma colaborativa, cooperativa e complementar com nossos clientes que são os produtores, as empresas e os trabalhadores rurais para atender as novas demandas do cenário agropecuário que vem se modernizando e exigindo um novo perfil de atuação do agricultor”, comentou Malucelli. *Fonte: Mapa*



Brasil distante

Um relatório divulgado neste mês pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne 34 dos países mais industrializados do mundo, afirma que o Brasil não conseguirá atingir o nível de renda média dos países desenvolvidos até 2050 caso sejam mantidas as taxas de crescimento atuais. A previsão distancia o Brasil de outros países cujo crescimento chamou atenção nos últimos anos, como a China.

Segundo o relatório, China, Panamá e Cazaquistão estão no caminho certo para equiparar sua renda à de países desenvolvidos nos próximos 35 anos. Assim como o Brasil, ficaram para trás o México, Colômbia e a África do Sul, entre outros.

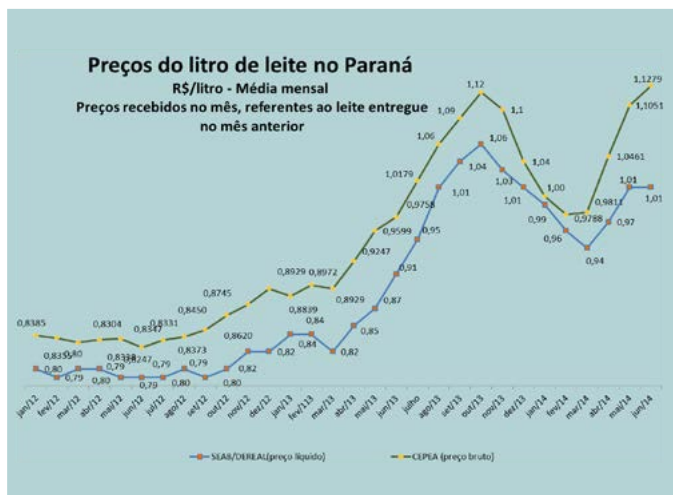
“Muitos dos países que esperávamos que se aproximariam das economias avançadas até a metade do século não vão conseguir com as taxas de crescimento de hoje”, disse o secretário-geral da OCDE, Angel Gurría.

No caso brasileiro, são citados resultados ruins que o país tem no Pisa (exame internacional que afere o nível de educação) e os investimentos, que são menores do que os feitos em alguns países da Ásia. *Fonte: BBC*

CONSELHO PARITÁRIO PRODUTORES/INDÚSTRIAS DE LEITE DO ESTADO DO PARANÁ – CONSELEITE-PARANÁ

RESOLUÇÃO Nº 07/2014

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 15 de julho de 2014 na sede FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em junho de 2014 e a projeção dos valores de referência para o mês de julho de 2014, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes. Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada “Leite CONSELEITE IN62”, que se refere ao leite analisado que contém 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil células somáticas /ml e 600 mil ufc/ml de contagem bacteriana.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JUNHO/2014

Matéria Prima	Valor projetado em junho/2014	Valor Final junho/2014	Diferença (final-projetado)
Leite CONSELEITE IN62**	0,8550	0,8588	0,0038

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” corresponde ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JUNHO/2014 E PROJETADOS PARA JULHO/2014

Matéria Prima - Valores finais	Valor final junho/2014	Valor projetado julho/2014	Diferença (projetado-final)
Leite CONSELEITE IN62**	0,8588	0,8560	-0,0028

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” correspondem ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de julho de 2014 é de R\$ 1,6823/litro. Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.sistemafaep.org.br/conseleite

Curitiba, 15 de julho de 2014

WILSON THIESEN Presidente

RONEI VOLPI Vice - Presidente

CAMPINA DA LAGOA



JAA

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa concluiu, no período de 17 de fevereiro a 02 de julho, o curso Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) - cenário Agrossilvipastoril - gestão do agronegócio. O curso foi realizado em duas turmas (matutina e vespertina) com 35 alunos. O instrutor foi Francisco Leite Santos Junior.

CIANORTE



Agrotóxicos

De 23 e 25 de junho, o Sindicato Rural de Cianorte realizou, em parceria com a Companhia Melhoramento Norte do Paraná, o curso Trabalhador na Aplicação Agrotóxicos – costal - manual – NR31. As aulas aconteceram na propriedade da Usina Melhoramento no município de Jussara. Participaram 10 trabalhadores rurais com o instrutor Sérgio Takashi Noguchi.

MARILÂNDIA DO SUL



Colhedeiras

O Sindicato Rural de Marilândia do Sul, em parceria com a Fazenda Eldorado, realizou de 02 a 05 de junho, os cursos: Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizes - colhedora axial CASE - básico em Case e Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizes – básico em New Holland. Foram atendidos 13 trabalhadores rurais com o instrutor Claudio Zunta.

REALEZA



Mulher Atual

No período de 27 de março a 04 de junho, o Sindicato Rural de Realeza, em parceria do Grupo Atitude, organizou mais uma turma do Programa Mulher Atual. Participaram 20 produtoras rurais com a instrutora Sandra Cardoso Dias.

RIBEIRÃO DO PINHAL



Inclusão digital

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal realizou de 17 a 20 de junho, o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - inclusão digital – avançado. Participaram 12 adolescentes sendo que a metade da turma são ex-alunos do JAA. O instrutor foi Vidal Ferreira de Campos.

SERTANÓPOLIS



Inclusão digital

O Sindicato Rural de Sertanópolis, ofereceu no dias 26 e 27 de maio, o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - inclusão digital – básico. Participaram do curso 13 produtores e trabalhadores rurais com a instrutora Gisele Bianchini.

TIBAGI



Primeiros Socorros

O Sindicato Rural de Tibagi, em parceria com a Fazenda Agropecuária Tibagi, realizou nos dias 17 e 18 de junho, o curso de Trabalhador na Segurança no Trabalho - primeiros socorros. Participaram 13 trabalhadores rurais com o instrutor Fernando Jodas Gonçalves.

GRANDES RIOS



Qualidade do leite

O Sindicato Rural de Grandes Rios ofereceu, na comunidade da Boa Vista da Santa Cruz, no município de Rosário do Ivaí, em parceria com a Emater e a Prefeitura, o curso Trabalhador na Bovinocultura de Leite - seminário sobre qualidade do leite. O curso foi no dia 07 de julho e teve a participação de 19 produtores rurais com o instrutor Urias Neto. O supervisor do SENAR-PR da regional Campo Mourão, Josiel Nascimento, participou do evento.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.



A Coreia do Norte é fogo

O Grande Líder Kim Il-Sung (1948 – 1994) mandou registrar que escreveu 1,5 mil livros em três anos e compôs seis óperas completas. Mais, garantiu - e ai de quem duvidasse, que o seu filho, Kim Jong-il aprendeu a andar às três semanas de idade e começou a falar com oito semanas apenas Kim Jong-il (1994-2011) sucedeu o pai e era conhecido por mais de 50 nomes, incluindo “Querido Líder”, “Líder Supremo”, “Nosso Pai”, “O General” e “Generalíssimo”. Seu filho e ditador atual Kim Jong Um, 32 anos, vai pelo mesmo caminho. Cientistas norte-coreanos concluíram que a Coreia do Norte é o segundo país mais feliz do mundo, perdendo apenas para a China. Ninguém contestou, porque quem é besta?

Esquerda sinistra

A tradição de entrar em algum lugar com o pé direito para dar sorte é de origem romana. Nas grandes celebrações dos romanos, os donos das festas acreditavam que, entrando com esse pé, evitariam má sorte na ocasião da festa. A palavra “esquerda”, em latim, é “sinistra”; daí a crença no lado azaroso dos inocentes pés esquerdos. Dizem que os jogadores da seleção não usaram o pé direito ao entrar no gamado antes do jogo com a Alemanha.

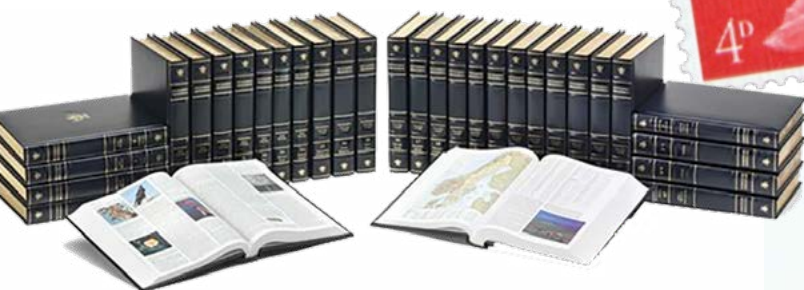
O choro de Raju

Um elefante que passou seus 50 anos de vida preso por correntes cheias de pregos e sendo agredido por seus donos derrubou lágrimas de emoção quando foi finalmente libertado de seu cativeiro na Índia. O animal, chamado Raju, foi salvo por um grupo de resgate composto por veterinários, especialistas em vida selvagem, guardas-florestais e policiais, que agiram durante a madrugada de 2 de julho último. As correntes e os grilhões foram removidos das patas do elefante, que ainda passou uma semana isolado para receber atenção médica de emergência.



Britânica

Um conjunto de 32 volumes, pesando 129 quilos, foi a última edição em papel da Enciclopédia Britânica, a mais antiga do mundo. Ocorreu em março de 2010 e incluiu atualizações sobre o aquecimento global e o Projeto Genoma Humano. Seu primeiro exemplar foi publicado em Edimburgo, na Irlanda, em 1768. A Britânica se transformou em 1994 na primeira do mundo a chegar à internet.



Correio real

Na Inglaterra, a rainha Elizabeth II (assumiu o trono em 6 de fevereiro de 1952), manda um telegrama de congratulações toda vez que um súbito completa 100 anos. Ela já emitiu mais de 175 mil telegramas para pessoas que completam um século de idade e mais de 520 mil telegramas para casais que comemoram bodas de diamante.



Ouro na lua

A primeira nave espacial a pousar na Lua tinha sua base feita de ouro. Isso porque o metal é resistente a sais e ácidos, permanecendo sempre puro.



Saudades dele

Muita gente tem saudades do Karmann-Ghia, que surgiu a partir da união da marca italiana Ghia com a alemã Karmann. Os automóveis da Karman-Ghia foram produzidos pela alemã Volkswagen. A fábrica brasileira foi inaugurada em 1960 na cidade de São Bernardo do Campo. Os primeiros automóveis saíram da linha de produção em 1962, sendo fabricados até a primeira metade dos anos 1970.



Foram eles

Foram soldados originários de Constantinopla (na atual Turquia) que trouxeram o açúcar da Índia em 628. Os cruzados levaram para a Europa em 1148. Em 1879, a sacarina, 400 vezes mais doce, foi criada por Ira Remsen e Constantine Fahlberg, nos Estados Unidos.



Por que choramos

Quando a gente abre o bico pra bocejar, os principais músculos do nosso rosto se movimentam e provocam uma grande pressão sobre as glândulas lacrimais, trazendo as lágrimas à tona. O mesmo acontece com as glândulas salivares, que deixam a gente com água na boca porque são pressionadas pelos movimentos bocejantes.

A PODEROSA

ANGELA MERKEL



Goleada

A Alemanha não goleia o Brasil apenas no futebol. Com uma população de 81 milhões, menos da metade da brasileira, a Alemanha tem um PIB per capita quatro vezes maior que o do Brasil: US\$ 44,9 mil contra US\$ 11,3 mil.

Exportamos apenas US\$ 242 bilhões no ano passado. Já as vendas externas alemãs somaram US\$ 1,4 trilhão em 2013, volume menor apenas que o da China e o dos Estados Unidos.

A malha de trilhos alemã, com mais de 45 mil km e com trens de alta velocidade de norte a sul do país, supera de longe os 29.000km do Brasil.

Alguém dirá que o Brasil é diferente da Alemanha. De fato, mas pode ser muito mais diferente do que o é.

Bochechas rosadas, olhos azuis, cabelos cortados em forma de tigela, com 1m65, Angela Dorothea Merkel, completou 60 anos dia 17 deste mês. Ela é a mais poderosa mulher do planeta, eleita pela revista americana Forbes, em anúncio feito no final de maio. Lidera pelo quarto ano seguido o ranking, que ela dominou em nove de suas 11 edições.

Com seu conjunto de casaco vermelho e calça branca, ela abraçou e beijou sem cerimônia os jogadores alemães após a vitória contra os argentinos na decisão da Copa. Pelos gestos e comportamento simples e generosos, os campeões do mundo e a Alemanha ganharam a simpatia dos brasileiros.

A chefia de governo na Alemanha leva o nome de chanceler e Angela lá está desde novembro de 2005.

Não é apenas a primeira estrela política do seu país, mas dos 28 membros da União Europeia. Ela representa a 5ª economia mais forte do mundo (atrás dos Estados Unidos, China, Índia e Japão). A Rússia é a 6ª e o Brasil a 7ª economia, segundo o Banco Mundial) e não se vergou à crise de 2008. Simboliza e mostra que organização, disciplina, planejamento e produtividade, levantaram um país que foi estraçalhado por duas Grandes Guerras no século passado.

Angela Merkel é filha de uma professora e um pastor luterano, nasceu em Hamburgo e ainda criança foi morar num vilarejo da antiga Alemanha Oriental. Fala russo e sonha falar francês, mora num apartamento no centro de Berlim, volta e meia é encontrada no supermercado ou no salão de beleza, como uma pessoa comum.

Na sua primeira visita a Moscou, a chanceler alemã recebeu de presente do presidente da Rússia, Vladimir Putin, um cachorrinho pequinês. O Serviço Secreto russo havia informado Putin de que a chanceler alemã sofria de cinofobia (medo de cães), mas ao contrário do que imaginou o russo, Merkel fez um cafuné no pequinês. Como quem diz: estou acostumada a lidar com cachorro grande, imagine com pequenos.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br